

revolta e *antipolítica* em bakunin¹

acácio augusto

A sequência alucinante de revoltas, sedições e motins que varreram a Europa durante quase todo século XIX tem em Mikhail Aleksandrovith Bakunin (1814-1876) uma expressão marcante. Andarilho apaixonado e revoltado empedernido, Bakunin esteve ligado, direta ou indiretamente, aos acontecimentos *definidores* das lutas contra a exploração e a dominação no século XIX. Sua presença marcante foi decisiva nos motins nacionais da Primavera dos Povos, em 1848; na consolidação e desdobramentos da I Internacional, fundada em 1864; e na crucial e singular Comuna de Paris, de 1871.² Destacam-se aqui, nesse polimorfo e singular percurso, os traços pertinentes à revolta e à *antipolítica*, como elementos da atualidade da vida e dos escritos de um homem que ficou conhecido como o satã da anarquia.

as diferenças no campo de luta

As revoltas de 1848 reforçarão a convicção de Bakunin na ação das ruas, no antiparlamentarismo, nas barricadas

Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol, no projeto temático FAPESP Ecológica e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: estadoalterado@yahoo.com.br.

e na necessidade de uma mobilização popular sem direção política, aproximando-o, junto de seu amigo Alexander Herzen (1812-1870), das análises de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Simultâneo a essas experiências, os embates com Karl Marx (1818-1883) no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) o levarão a formular contundentes críticas ao dirigismo político e à burocracia como forma de dominação não apenas no Estado, mas também nas associações de trabalhadores. Sua crítica ao marxismo, ou socialismo autoritário, já nesta ocasião é a antevisão do burocratismo soviético implícito na teoria da revolução. A respeito da tese de Marx, anotou: “no Estado popular do Sr. Marx, dizem-no, não haverá absolutamente classe privilegiada. Todos serão iguais, não somente do ponto de vista jurídico e político, mas também do ponto de vista econômico. [...] Não haverá, portanto, mais nenhuma classe, mas um governo, e, observai bem, um governo excessivamente complicado, que não se contentará em governar e administrar as massas politicamente, como fazem hoje todos os governos, mas que ainda as administrará economicamente, concentrando em suas mãos a produção e a *justa* repartição das riquezas, a cultura da terra, o estabelecimento e o desenvolvimento das fábricas, a organização e a direção do comércio, enfim, a aplicação do capital à produção pelo único banqueiro, o Estado. Tudo isso exigirá uma ciência imensa e muitas cabeças transbordantes de cérebro nesse governo. Será o reino da *inteligência científica*, o mais aristocrático, o mais despótico, o mais arrogante e mais desprezível de todos os regimes. Haverá uma nova classe, uma nova hierarquia de doutos reais e fictícios, e o mundo se dividirá em uma minoria dominada em nome da ciência, e uma imensa

maioria de ignorantes. E, então, cuidado com a massa de ignorantes! [...] Vêde muito bem que, através de todas as frases e todas as promessas democráticas e socialistas do programa do Sr. Marx, encontramos em seu Estado tudo o que constitui a própria natureza despótica e brutal de todos os Estados, qualquer que seja a forma de seu governo, e que no final das contas o Estado popular, tão recomendado pelo Sr. Marx, e o Estado aristocrático-monárquico, mantido com tanta habilidade quanto força pelo Sr. Bismarck, identificam-se completamente pela natureza de seu objetivo tanto interior quanto exterior”³.

Esta citação sintetiza a diferença entre a luta que Bakunin empreenderá e a luta que Marx pretenderá dirigir à frente do proletariado europeu. Expõe também os termos da recusa que o revolucionário de procedência russa afirmará em relação às ideias do filósofo alemão. Após sua expulsão da Internacional, em 1872, as disputas com o dirigente alemão terão como resultado a fundação, junto aos membros da sessão latina da AIT, da Internacional Libertária de St. Imier⁴, no Jura suíço. A experiência da Comuna de Paris, em 1871, confirmou sua concepção de necessidade de abolição do Estado como condição de acesso e realização das igualdades, pois o Estado funda privilégios econômicos sob a direção política e repressiva, e não a tese contrária, voltada para a ocupação do Estado, como professavam marxistas e blanquistas a respeito da necessidade de uma ditadura do proletariado como transição política imperativa para que se alcançasse a igualdade econômica e a conseqüente extinção do Estado.

Em uma certa historiografia marcadamente marxista e hegeliana, Bakunin é apresentado como fundador do anarquismo histórico e principal opositor das teses do

socialismo autoritário de Marx no interior da Primeira Internacional. Essa leitura foi especialmente difundida por Daniel Guérin⁵ (1904-1988), pois atendia aos seus anseios voltados para a aproximação do que ele chamava de “primos brigados do movimento socialista internacional”⁶. Sua leitura é favorecida pela reconhecida admiração de Bakunin às teses da crítica à economia política de Marx, embora rechaçasse as consequências políticas que o filósofo alemão retirava delas. Interpretações como as de Guérin fiam-se em passagens dos escritos de Bakunin nas quais ele demarca suas diferenças com Proudhon e admite suas aproximações com Marx: “O Sr. Marx leu, é óbvio, todos os socialistas franceses, de Saint-Simon a Proudhon, inclusive; sabe-se que detesta Proudhon e, na crítica implacável que lhe fez, há, sem dúvida alguma, muita verdade: apesar de todos os seus esforços para se situar em terreno sólido, Proudhon permaneceu um idealista e um metafísico. Seu ponto de partida é a noção abstrata do direito; ele vai do direito ao fato econômico, enquanto o Sr. Marx, ao contrário dele, enunciou e demonstrou a incontestável verdade [...] que o fato econômico precedeu e continua a preceder o direito político e jurídico”⁷. Isso somente demonstra que Bakunin estudou Hegel quando jovem e operou do mesmo modo a inversão materialista proposta por Marx à filosofia do direito hegeliana. Entretanto, ambos ignoram que, em Proudhon, o Direito é produto da força, que formaliza juridicamente a exploração econômica por meio da dominação política conquistada às custas da guerra que subjuga e institui o Direito.⁸ Nessa análise histórica do direito e do poder, Proudhon elabora uma crítica radical à propriedade, inclusive a estatal (como queria Marx) e a coletiva (como postulava Bakunin). A

metafísica de Proudhon, portanto, está menos em sua concepção de Direito e mais no uso empírico que faz da noção abstrata de sociedade, conforme a crítica elaborada por Max Stirner⁹, também procedente do hegelianismo, mas propositalmente descartada por Marx.

Foi a partir dessas aproximações com o pensamento de Marx que se produziu uma imagem de Bakunin histórico, fundador do anarquismo e ligado ao movimento operário. Todavia, Bakunin é resultante da síntese entre a crítica política de Proudhon na construção do federalismo político e a crítica à economia política de Marx, que o levará a formular o anarquismo coletivista. Desse modo, Daniel Guérin formula as teses sobre a possibilidade de um marxismo libertário, acrescido, ainda, das contribuições do dissidente comunista de Wilhelm Reich (1897-1957) a respeito da repressão sexual no capitalismo¹⁰. No Brasil, essa combinação entre a crítica política proudhoniana e a crítica econômica marxista levará a um resultado análogo nas teses de Mauricio Tragtenberg¹¹ (1929-1998), junto aos marxistas heterodoxos. Mesmo hoje, embora não diretamente, observa-se nos escritos de alguns neomarxistas como Antonio Negri e Michael Hardt, ao recorrerem às análises de Michel Foucault, uma meta análoga à de Daniel Guérin, quando incorporam os anarquistas a fim de *limpar* o marxismo de seu traço autoritário constitutivo e se reinscrever no campo socialista da luta por igualdade, e também luta pela liberdade. Porém, o que se busca destacar sobre a atualidade de Bakunin não são seus usos, mas sim a permanência e pertinência da revolta e da *antipolítica*, possíveis de serem depreendidas de sua vida e de seus escritos.

A despeito das teses e interpretações teóricas, Bakunin passou para o imaginário radical do século XIX até hoje como a figura da revolta, da *ação direta*¹², do enfretamento,

do embate e da destruição. Ele é, até os dias de hoje, sinônimo de anarquia e ação, muitas vezes ofuscando a influência decisiva de Proudhon em todo o movimento operário europeu e sobre o próprio Bakunin. Mesmo entre muitos anarquistas há uma defesa da ideia de que ele foi um homem de ação e jamais um teórico de gabinete, como se estas duas coisas – dedicação ao estudo com discussão de teorias e ação política – fossem termos antinômicos, e mesmo interceptadores um do outro. Nada mais equivocado, se levarmos em consideração a formação do revolucionário russo e sua declarada paixão pela investigação da verdade.

O que há de notável e atual nos escritos e ações de Bakunin é a não hierarquização entre saber e experiência, a oposição à fórmula de vida submetida à ciência e à dicotomia entre teoria e prática. Homem que expressou e realizou, a um só tempo, paixão e embriaguez demolidoras com frieza e análise contundentes. Ademais, a própria maneira como se deixou afetar pelos acontecimentos e pessoas de sua vida tornam impossível a fixação de uma síntese identitária sobre esse homem-explosão. O próprio anarquismo, pelo qual ele é lembrado e marcado na história, não foi constante em sua vida, mas resultante de experiências, amizades, lutas e paixão refletida. O que indica, já nas iniciais lutas, a inexistência de um anarquismo, mas sim, como anotou Edson Passetti, a procriação de *anarquismos*¹³.

Nos 200 anos do nascimento de Bakunin, sua atualidade encontra-se na afirmação da revolta como característica humana fundamental e matriz criadora, bem como na afirmação da ação dessa revolta como *antipolítica*; recusa das mediações e da crença em uma revolução que passe

pela ocupação da máquina estatal. Nesse sentido, afirmar tais dimensões dos escritos de Bakunin é deslocar o uso interpretativo, sucintamente exposto acima, da aproximação entre anarquismo e marxismo, que marca muitas das atuais teses acerca das lutas políticas apresentadas sob diversas designações – como marxismo libertário, autonomismo, alternativos, etc. –, e pluralmente orquestrada no interior do que se conhece como *movimento antiglobalização*.

revolta

Deslocada das disputas teóricas e colocada em termos de busca por hegemonia ideológica, destaca-se o primeiro traço de atitude que interessa em Bakunin: a revolta. Em seu escrito mais difundo, *Deus e o Estado*, situa o que nos constitui como humanos, ou, mais precisamente, o que nos distingue dos outros animais – afirmação contundente para a compreensão de sua concepção de ação e de política. Se é possível afirmar que, para um liberal, o uso da razão, seja em sua dimensão pública ou privada, diferencia o Homem dos outros animais; e que a revolta deve ser entendida como uma manifestação de irracionalidade ou expressão de contestação a quem exercita a soberania a ser equacionada por uma racionalidade política, também é verdade que, para um marxista, o Homem se diferencia de outros animais pela sua capacidade de transformação, pelo trabalho e pelos recursos dispostos na natureza; e que a continuidade da exploração dessa capacidade de produção humana engendra uma necessidade de revolta a ser elevada à uma consciência revolucionária organizada para uma transformação efetiva da sociedade. Entre ambos situa-se a reforma e a transformação do Estado. Para

um anarquista, entretanto, a revolta é a forma primeira e última de afirmação da existência de cada um e condição de estar em liberdade. Há uma razão que não se governa pela política ou pelo efeito da exploração econômica, mas que se funda na liberdade, e na vida livre de hierarquias, comandos e explorações – inversamente a liberais e radicalizando os marxistas.

Segundo Bakunin, “sim, nossos primeiros ancestrais [...] foram senão gorilas, pelo menos primos muito próximos dos gorilas, dos onívoros, dos animais inteligentes e ferozes, dotados em grau maior do que os animais de todas outras espécies, de duas faculdades preciosas: a faculdade de pensar e a necessidade de se revoltar”¹⁴. Para ele, será a revolta o meio e o fim capaz de produzir a liberdade, não como valor a ser defendido por uma autoridade, seja ela política ou científica, e almejado abstratamente, mas como expressão da mais alta potencialidade humana em associação com as forças vivas que com ela coexistem. Assim, ele vivencia “a revolta da vida contra a ciência, ou melhor, contra o governo da ciência, não para destruir a ciência [...] mas para recolocá-la em seu lugar, de maneira que ela não possa jamais sair de novo”¹⁵. Seu lugar é estar a serviço da vida livre. E, da mesma maneira que não se afirma a liberdade como valor, a vida também não deve ser compreendida como dado geral, mas como a existência imediata dos que se revoltam e praticam a liberdade. Fora da atitude permanente de revolta não há existência, apenas vida biológica disponível às inúmeras práticas de governo do outro e que buscam limitá-la.

A revolta, para Bakunin, deve ser a condição permanente de um revolucionário, e, mais precisamente, de um libertário, para que este não se torne um sacerdote

da ciência, um dirigente da revolução, ou um condutor do Estado burocrático orientado pela pretensão do igualitarismo.

antipolítica

A dimensão *antipolítica*, a segunda atitude aqui desatacada, decorre dos embates de Bakunin com o socialismo autoritário no interior da AIT e de sua leitura da Comuna de Paris. Em escrito de junho de 1871 sobre a Comuna e a noção de Estado, Bakunin definirá o que separa as duas concepções antagônicas de socialismo, recorrendo às análises proudhonianas, ao sindicalismo revolucionário latino e ao instinto *antipolítico* dos eslavos. Segundo anota, “são estes [comunismo e socialismo revolucionário] dois métodos diferentes. Os comunistas acreditam dever organizar as forças operárias para se apossar da potência política dos Estados; os socialistas revolucionários se organizam levando em consideração a destruição, ou, se o que se quer é uma expressão mais cortês, levando em consideração a liquidação dos Estados. Os comunistas são partidários do princípio e da prática da autoridade; os socialistas revolucionários só confiam na liberdade. [...] É essa, enfim, a contradição histórica que existe entre comunismo cientificamente trabalhado pela escola alemã e aceito em parte pelos socialistas americanos e ingleses, de um lado, e de outro pelo proudhonismo amplamente desenvolvido e levado até suas últimas consequências, aceito pelo proletariado dos países latinos. (nota: É igualmente aceito e o será cada vez mais pelo instinto essencialmente antipolítico dos povos eslavos)”¹⁶.

Neste trecho, a *antipolítica* está associada à recusa de direção política na luta, à rejeição de buscar os meios que levam à ocupação do Estado e a lançar mão de meios que levem às etapas intermediárias na construção de uma vida livre. Ativada pela revolta, a *antipolítica*, que Bakunin sinaliza como algo instintivo dos povos eslavos, é um meio de se evitar as formas autoritárias de luta contra o Estado e o capital. No entanto, resta ainda em suas formulações, tanto a busca teleológica por uma revolução redentora que tudo arrastará, quanto uma crença essencialista, não apenas nos trabalhadores, mas nas formas de vida e organização de alguns povos, como é o caso dos eslavos aqui indicado. Estes, segundo Bakunin, eram avessos aos bons modos franceses ou à razão pura alemã. Ligados à terra e com hábitos simples, estariam mais dispostos a abrir mão dos “benefícios” da civilização europeia. Essa leitura do potencial revolucionário dos eslavos e também do lumpemproletariado foi alvo de diversas críticas, principalmente de Marx, que acusavam o pensamento de Bakunin como algo selvagem, inconsequente e racista, na medida em que afirmava uma certa superioridade dos povos eslavos com suas propostas identificadas como pan-eslavistas.

Estes são, seguramente, dois pontos de retração que impõem limites tanto à revolta quanto à *antipolítica* nos escritos de Bakunin. Em poucas palavras, mesmo apostando na *antipolítica*, Bakunin investe na ação política, e mesmo exaltando a revolta, seu objetivo é a revolução. Nessa busca, ele roça com ideias em desacordo com o que seria a possibilidade de uma vida livre.

atualidade de Bakunin

A revolta como ativadora e definidora da ação e a *antipolítica* como meio e fim de uma transformação a favor da liberdade são dois elementos decisivos nas formulações de Bakunin. Fazem seus escritos tão importantes para o presente – época em que se busca cada vez mais uma organização racional da revolta, mesmo que carnavalizada, voltada para a produção de uma *nova política* ou de uma *outra política*, e em que as ações radicais de revolta que não reconhecem meios e fins estratégicos, mas que se dão como táticas dispersas e descontínuas, são imediatamente taxadas de infantis, irracionais e perigosas.

Num campo estritamente histórico-político, é possível localizar as lutas colocadas e praticadas por Bakunin em meio ao que Michel Foucault chamou de um novo direito, que se constitui em detrimento do poder soberano para conquistar, em luta, a vida de cada um e dos grupos aos quais pertencem. Essa luta os coloca enquanto existência ativa e afirmativa em meio às forças no campo político e social. Como assinala o filósofo francês: “pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que essas últimas se formulem através de afirmações de direito. O ‘direito’ à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o ‘direito’, acima de todas as opressões ou ‘alienações’, de encontrar o que se é e tudo o que se pode ser, esse ‘direito’ tão incompreensível para o sistema jurídico clássico, foi a réplica política a todos esses novos procedimentos de poder que, por sua vez, também

não fazem parte do direito tradicional de soberania”¹⁷. Bakunin é, nessa chave de análise, um lutador ainda dos espaços de contraposicionamento, tendo a vida como objeto de luta e a luta como afirmação da existência.

E, em torno dessa disputa, a luta política destina-se ao confinamento em partidos, sindicatos e plataformas políticas. No entanto, o que se destaca aqui é, antes da codificação das lutas pela vida em figuras de representação e negociação política, como estas foram colocadas pelos anarquistas em termos de embate imediato e contínuo, ou, como foi chamado no final do século XIX por anarquistas sindicalistas e anarcoterroristas, como *ação direta*. Bakunin é a expressão da procedência dessa réplica política e guerreira sobre à qual escreve Foucault como resistência à biopolítica. Retomar sua atitude de revolta hoje como expressão da *antipolítica* é dimensionar Bakunin para além de um contra posicionamento. É atualizar a política como a via Proudhon, como *ciência da liberdade*¹⁸, e não governo político, seja da população, como postula a racionalidade liberal, seja como administração das coisas como pretende a utopia de planificação marxista.

Nesse sentido, há uma outra história que se pode escrever sobre Bakunin, relacionada à difusão de suas decisivas análises na Revolução Espanhola (1936-1939), desde que seu amigo Giuseppe Fanelli (1827-1877) para lá foi e fundou uma sessão da AIT¹⁹, seja uma história crítica acerca de sua crença no Homem e na humanidade que degradinga em seu antissemitismo latente, presente em *Estatismo e anarquia*²⁰, seja das apaixonantes histórias de fuga das prisões que fazem de sua vida um verdadeiro testemunho de combate à autoridade e à opressão. Mas por uma decisão interessada, destaca-se uma dimensão

bastante específica da vida e dos escritos de Bakunin: uma existência que afirmou a revolta e a *antipolítica*. Estes são os dois elementos mais urgentes para um presente que, a despeito das covardias e caretices, ainda se recorda dos 200 anos de seu nascimento, e assim possibilita reunirmo-nos para lembrar que as práticas de luta e liberdade estão aí para quem se dispõe corajosa e diabolicamente experimentá-las.

Uma terceira nota, sobretudo curiosa, sobre a atualidade de Bakunin deu-se logo após a realização desta conversa realizada pelo Nu-Sol. Bakunin foi fichado como suspeito e procurado pela polícia do estado do Rio de Janeiro em pleno ano de seu bicentenário. Pesava sobre ele a acusação de participar das manifestações contra a Copa do Mundo da FIFA e de ser um dos mentores dos praticantes da tática *Black Bloc*.²¹ No entanto, esta é uma nota que diz respeito à estultice e à covardia características das figuras de autoridade e propriamente sobre a força e presença da revolta de Bakunin.

E em memória à sua admirável existência, que se expressa como o Satã da anarquia, cantemos à maneira do anarquista Léo Ferré em seu *blues: thank you satan!*²²

Notas

¹ Este artigo deriva de apresentação realizada durante a conversa “Bakunin: a faculdade de pensar e a necessidade de se revoltar”, ocorrida no pátio do Museu da Cultura da PUC-SP no dia 4 de junho de 2014, e promovida pelo Nu-Sol a propósito dos 200 anos do nascimento de Mikhail Bakunin. Estiveram à mesa Edson Passetti, José Carlos Morel, Sérgio Norte e Eduardo Valladares.

² A respeito da vida e atuação de Bakunin: Max Nettlau. *La anarquia a través los tiempos*. Tradução de Buenaventura Vallespinosa. Madrid, Ediciones Júcar, 1977; Edward Hallett Carr. *Los Exilados Románticos*. Tradução de Buenaventura Vallespinosa. Barcelona, Editorial Anagrama, 1969.

³ Mikhail Bakunin. *Escritos contra Marx*. São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/SOMA, 2001, pp. 105-106.

⁴ Sobre a criação da Internacional Libertária em 1872 na cidade de St. Imier, no Jura suíço, e sua refundação no mesmo local em 2012: Nu-Sol; Nelson Mendez; I.F.A. “Dossiê St. Imier” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 22, 2012, pp. 13-62.

⁵ Daniel Guérin. *El anarquismo*. Buenos Aires, Terramar/Utopia Libertaria, 2004.

⁶ Idem.

⁷ Mikhail Bakunin. *Estatismo e anarquia*. São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/Ícone, 2003, p. 175.

⁸ A respeito da relação entre guerra e Direito em Proudhon: Pierre-Joseph Proudhon. “A guerra e a paz” in *verve*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo, Nu-Sol, n. 19, 2011, pp. 23-71.

⁹ Max Stirner. *O único e sua propriedade*. Tradução de João Barrento. Lisboa, Antígona, 2004.

¹⁰ Daniel Guérin. *Um ensaio sobre a revolução sexual*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo, Brasiliense, 1980.

¹¹ Maurício Tragtenberg. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo, Ed. Unesp, 2011. O autor defende os princípios de uma democracia operária com autonomia para os conselhos, respeito à liberdade individual e métodos de produção a partir da autogestão.

¹² *A ação direta* para os anarquistas é uma atitude antirrepresentativa e está vinculada às práticas de autogestão, historicamente referidas no federalismo político e mutualismo econômico de Proudhon, mas ainda sem receber essa designação. É retomada no século XIX pelos sindicalistas revolucionários, como Émile Pouget e Fernand Pelloutier, para nomear a forma de ação da greve geral. Também designará as formas de sabotagem e as ações dos anarcoterroristas, não estando associada ao emprego da violência ou de bombas, mas como dimensão ético-política do combate à representação,

Revolta e *antipolítica* em Bakunin

afirmada para além do economicismo, ao qual procura-se reduzir a autogestão. Nu-Sol. *@ação direta@* (hypomnemata 124). Agosto de 2010. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/artigos/ArtigosView.php?id=3> (acesso em: 01/09/2014).

¹³ Edson Passetti. “Anarquismos” in *Revista Libertárias*. São Paulo, Coletivo Libertárias, v. 5, 1999, pp. 6-7. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/artigos/ArtigosView.php?id=3> (acesso em: 10/09/2014).

¹⁴ Mikhail Bakunin. *Deus e o Estado*. São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/SOMA, 2000, p. 15

¹⁵ Idem, p. 66.

¹⁶ Mikhail Bakunin. “A Comuna se Paris e a noção de Estado” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 10, 2006, pp. 78-79.

¹⁷ Michel Foucault. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 2001, p. 136.

¹⁸ “A política é a ciência da liberdade: o governo do homem pelo homem, sob qualquer nome ele se dissimule, é opressão”. Pierre-Joseph Proudhon in Edson Passetti e Paulo-Edgar A. Resende. *Proudhon*. Coleção Grandes Cientista Sociais. Tradução de Célia Gambini e Eunice Ornelas Setti. São Paulo, Ática, 1986, p. 67.

¹⁹ Como relata Enzensberger: “Num dia de outubro de 1868 chegou a Madri um italiano, Giuseppe Fanelli. Parecia ter uns quarenta anos, era engenheiro, tinha uma espessa barba preta, olhos chamejantes, grande estatura e demonstrava uma firmeza serena nos gestos. [...] Nenhum dos ouvintes conhecia a organização de que Fanelli era emissário na Espanha: a Associação Internacional dos Trabalhadores. Fanelli era seguidor de Bakunin, fazia parte da ala ‘antiautoritária’ da Primeira Internacional e foi o primeiro a trazer a mensagem anarquista para a Espanha”. Hans Magnus Enzensberger. *O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 30-31.

²⁰ Sigo aqui o alerta de Paulo-Edgar A. Resende em texto de apresentação à edição brasileira de *Estatismo e anarquia*: “Detectamos nele, como preocupações maiores, duas causas que o levam a exacerbações, ao se referir àqueles dos quais discorda. Há um latente preconceito contra os adversários

de origem judaica”. Em nota, mostra que “a recaída preconceituosa do autor contra os de origem judaica é recorrente”. Paulo-Edgar A. Resende in Mikhail Bakunin. *Estatismo e anarquia*. São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/Ícone, 2003, p. 8.

²¹ Portal de Notícias UOL. “Filósofo russo Bakunin é suspeito para a polícia; conheça o pai do anarquismo” in *Uol Entretenimento*. São Paulo, 29/07/2014. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/29/aos-200-anos-bakunin-e-suspeito-para-policia-conheca-o-pai-do-anarquismo.htm#fotoNav=1> (acesso em: 10/09/2014). Dentre as inúmeras publicações veiculadas na imprensa a respeito de “Bakunin suspeito”, registro esta notícia que, para além do fato, busca “explicar ao leitor” as ideias do anarquismo e mostra que a estultice e a covardia não são exclusividade das autoridades estatais.

²² O Blues de Léo Ferré, que não é uma homenagem a Bakunin, pode ser ouvido no seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=k3IbaRsvqds (acesso em: 10/09/2014).

Resumo

Breves apontamentos sobre a vida e a obra de Mikhail Bakunin, realizados por ocasião do bicentenário de seu nascimento. Destacam-se as dimensões da revolta e da antipolítica como traços atuais da atuação e dos escritos do anarquista que viveu as lutas na Europa do século XIX.

Palavras-chave: Bakunin, anarquismo, antipolítica.

Abstract

Brief notes on the life and work of Mikhail Bakunin, held on the occasion of the second centenary of his birth. Highlights the dimensions of the revolt and the antipolitic as current traces of actions and writings of anarchist who lived the struggles in nineteenth century Europe.

Keywords: Bakunin, anarchism, antipolitic.

Revolt and antipolitic in Bakunin, Acácio Augusto.

Recebido em 15 de setembro de 2014. Confirmado para publicação em 25 de setembro de 2014.